

Trabalhos Científicos

Título: Sífilis Adquirida Em Adolescentes No Brasil Entre 2014 E 2023: Análise Por Faixa Etária, Sexo, Raça E Região.

Autores: ELISA HAHN CASANI (UFCSPA), ANA LAURA CLARAZ DE SOUZA FERREIRA (UFCSPA), ISABELA HARTMANN ROST (UFCSPA), KARINA CASTILHOS BASTOS (UFCSPA), LARISSA NARUMI TAKEDA (UFCSPA), LAURA BAMPI (UFCSPA), MANUELA MORALES BORGES (UFCSPA), SOFIA DE OLIVEIRA BELARDINELLI (UFCSPA)

Resumo: A sífilis adquirida é uma infecção sexualmente transmissível (IST) que representa um problema de saúde pública entre adolescentes brasileiros. O início precoce da vida sexual e as barreiras no acesso à informação e a serviços de saúde contribuem para sua disseminação. Dessa forma, a análise de populações vulneráveis permite compreender padrões epidemiológicos e subsidiar políticas públicas específicas para prevenção e diagnóstico precoce. Avaliar a tendência temporal da sífilis adquirida em adolescentes entre 10 e 19 anos no Brasil entre 2014 e 2023, com foco na distribuição por faixa etária, sexo, raça e região geográfica. Foi realizada uma análise descritiva baseada em dados secundários do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), por meio do TABNET/DATASUS, referentes ao período de 2014 a 2023. Foram incluídas notificações de sífilis adquirida na população de 10 a 19 anos, estratificadas por região de residência, faixa etária, sexo e raça. As variáveis foram descritas em números absolutos e proporções relativas. Foram registrados 139.253 casos de sífilis adquirida em adolescentes no Brasil entre 2014 e 2023. Observou-se um aumento de 362% no número total de notificações, com 4.654 casos em 2014 e 21.505 em 2023. A maior concentração ocorreu na faixa etária de 15-19 anos, que representou 134.425 casos, em comparação com 10-14 anos, que apresentou 7.403. A sífilis adquirida foi mais frequente, em todos os anos analisados, no sexo feminino, com um total de 81.858 casos durante esses 10 anos. Quanto à distribuição regional, o Sudeste concentrou 45,2% das notificações totais, seguido pelo Sul (21,3%) e Nordeste (18,1%), embora essas regiões tenham acumulado o maior número absoluto de casos, o crescimento relativo foi mais expressivo nas regiões Norte (de 225 casos em 2014 para 10.349 em 2023) e Centro-Oeste (de 214 para 10.071). Em relação à raça, pardos representaram a maior parte dos casos, com cerca de 42,4%, seguidos de brancos (27,9%), pretos (9,2%) e amarelos e indígenas com aproximadamente 0,8% cada. Esses resultados evidenciam uma epidemia crescente e desigual, afetando principalmente adolescentes do sexo feminino, pardas e entre 15-19 anos, o que pode refletir em uma maior exposição sexual, falhas na cobertura vacinal, ausência de estratégias educativas efetivas e dificuldades de acesso aos métodos de prevenção. Além disso, as disparidades regionais, com maior acometimento do Sudeste e Sul, e o maior crescimento relativo no Norte e Centro-Oeste, reforçam a necessidade de ações específicas, que incorporem determinantes sociais e culturais da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes em situação de vulnerabilidade. Por tudo isso, programas de educação sexual nas escolas, ampliação da testagem na Atenção Primária e campanhas focadas em populações vulneráveis devem ser priorizados para conter o avanço dessa IST entre adolescentes brasileiros.